

Dominar ou Amar

O Relacionamento de Homem e Mulher no Antigo Testamento

Erhard S. Gerstenberger

Não são muitas vezes em que, no Antigo Testamento, o relacionamento e a comunhão de homem e mulher são objeto de uma reflexão consciente. Seu significado, contudo – como não poderia deixar de ser – não passou despercebido a nenhum israelita. A existência da família e a felicidade das pessoas dependiam do encontro de homem e mulher. Em sua "Antropologia do Antigo Testamento" H.W.Wolff apreciou detalhadamente e com grande sensibilidade este relacionamento humano fundamental. "Perguntamos pela lei externa, pelo afeto interno e pelas perturbações do relacionamento", afirma ele na introdução programática ao referido capítulo(1). Isso significa que H.W. Wolff analisa o problema basicamente sob aspectos jurídicos e psicológicos. A apreciação teológica surge como uma resultante desses dois vetores(2). A dimensão histórica, especialmente a dimensão sócio-histórica, é levemente abordada por H.W.Wolff, contudo não é desenvolvida em virtude do caráter, necessariamente conciso, da exposição. As afirmações vétero-testamentárias bastante esparsas a respeito do papel e das relações de homem e mulher não podem, porém, ser simplesmente apresentadas sob um denominador comum(3). O relacionamento humano íntimo esteve exposto, na longa história israelita, a consideráveis cargas. Já naquela época amor parceiro e

Tratei do tema "Homem e mulher no AT e hoje" no 2º semestre de 1978 na Faculdade de Teologia da IECLB, em São Leopoldo. Agradeço aos participantes do seminário pelos estimulantes debates. – Cf. ainda E. Gerstenberger e W. Schrage, *Mulher e homem*, (São Leopoldo 1981).

- (1) H.W.Wolff, *Antropologia do Antigo Testamento* (São Paulo/ São Leopoldo 1975), pág. 219.
- (2) "Sempre é a destruição do relacionamento para com Deus que – da maneira mais diversa – se mostra nos descaminhos da vida de homem e mulher em comum". (op. cit. pág. 232).
- (3) A descoberta não é nova, cf. p.ex.: G. Beer, *Die soziale und religiöse Stellung der Frau im israelitischen Altertum* (Tübingen 1919). Procura explicar as discrepâncias como "conflito" entre "teoria e praxis" (op. cit. pág. 1) e constata, persistentemente, um desenvolvimento ético superior (op. cit. pág. 2s;20;42ss). Cf. também A. Bertholet, *Kulturgeschichte Israels* (Göttingen 1919), pág. 83ss; 107ss.

despotismo patriarcal eram os polos entre os quais se desenrolava a vida em família. As concepções de valor, as estruturas sociais e as situações econômicas vigentes davam a cada afirmação relativa à questão seu cunho especial. Com a introdução de tais variáveis culturais e sociais também a valorização teológica dos testemunhos vétero-testamentários há de se alterar. — A presente contribuição pretende coletar algumas poucas observações e perguntas relativas ao tema.

1.

O Antigo Testamento pressupõe em toda a parte, com toda a naturalidade, uma estrutura social patriarcal. No máximo surgem dúvidas mínimas a respeito da primazia do homem na família e principalmente quando se trata de representá-la(4). A mulher é fundamentalmente a "varoa" (Gn 2.23) tomada do varão; ela tem que se entender como o outro sexo, complementar, que está aí para servir (5). Tanto maior admiração causam os inúmeros testemunhos que dizem que a mulher podia, muitas vezes, dar forma ao âmbito em que vive e, ocasionalmente, assumir inclusive tarefas tipicamente masculinas. Sem pretendermos esgotar a questão, citamos Pv 31.16: a procuração legal da esposa para realizar negócios: Êx 15.21, e Jz 5.1: a função quase cúltica da mulher quando da recepção do exército vitorioso; 1 Sm 25.14ss e 2 Rs 4.21ss; a autonomia de duas mulheres donas de posses em relação a seus maridos; Jz 4.4ss e 2 Rs 22.14ss; a aceitação de mulheres na função de profeta e de juíza. Admiráveis são também, para os nossos dias, os testemunhos de amor cordial, não complicado, igualitário, entre homem e mulher (6). Contrastando fortemente com isso encontramos as passagens suficientemente abordadas que apresentam o homem como proprietário, tutor e senhor da mulher(7). E, a distância entre homem e mulher se alarga, transformando-se em abismo nas afirmações

-
- (4) Possivelmente apenas em Jr 31.21a, cf. F. Crüsemann e H. Thyen, *Als Mann und Frau geschaffen* (Geinhausen 1978), pág. 94ss.
- (5) Para falar com Simone de Beauvoir: É aqui que nos deparamos com a verdadeira raiz do movimento feminista. A mulher procura por uma auto-compreensão própria. Ela não quer mais ser compreendida como "a outra", sendo com isso transformada em objeto. A mulher é "eu" independente, pensante, que sente. É tão somente a partir daí que podem ser criadas relações de parceria com o homem. Cf. S. de Beauvoir, *Das andere Geschlecht* (Hamburg 1968).
- (6) H.W. Wolff, op. cit. pág. 223-228, apresentou esse aspecto de maneira muito bela, partindo de Jacó para chegar ao Cântico dos Cânticos.
- (7) Cf. H.W. Wolff, op. cit., pág. 235s; R. de Vaux, *Les institutions de l'Ancien Testament*, Vol. I (Paris 1961), pág. 48s; 67s; P. Tribble, *Woman in the OT*, IDBSuppl. (Nashville 1976), pág. 963ss; F. Crüsemann, op. cit., pág. 21ss.

hostis às mulheres que encontramos no judaísmo (8). A antropologia vétero-testamentária não pode desistir desse triste ponto final – provisório e revisado com vigor pelo jovem cristianismo – porque os escritores judeus se baseiam no Antigo Testamento.

Como se pode explicar essa peculiaridade na história e na estrutura social israelita? Para sermos mais precisos: Como foi possível que a partir dos pressupostos vétero-testamentários se chegasse à parcial depreciação da mulher no judaísmo? Muitas vezes se aponta para a discrepância sempre existente entre teoria e prática: amor autêntico escapa à lei que impõe limitações e subjuga, rompendo e vencendo-a. Esta explicação não basta. Caso quisermos compreender as afirmações contraditórias do Antigo Testamento, deverá haver o concurso de análises sócio-históricas e antropológico-culturais. Essa necessidade está sendo descoberta sempre mais em nossos dias (9). As modernas ciências sociais ensinam que os papéis desempenhados por homem e mulher e suas relações estão diretamente influenciados pelas condições dominantes de produção e da economia (10). Sabemos, além disso, que os modelos de comportamento humano, mesmo considerando-se os condicionamentos culturais generalizados, podem muito bem ser diferentes, devido a estratificações específicas ou a categorias profissionais (11). E, finalmente, permanece, em meio a toda a pesquisa social empírica e atual, o fato de que a formação de tradição – que praticamente sempre inclui também motivações religiosas – cria sua dinâmica própria. Os papéis desempenhados por homem e mulher são medidos naquilo que foi outrora; eles não acompanham os desenvolvimentos sociais e econômicos. Dito de maneira diferente: as concepções de valores e normas estabelecidas sobrevivem, muitas vezes de modo anacrônico, às modificações da estrutura social (12). – a partir dessa posição inicial queremos fazer algumas incursões na tradição vétero-testamentária.

(8) Cf. W. Schrage em: E. Gerstenberger e W. Schrage, op. cit. Ein todo o judaísmo "a mulher é um ser inferior, com maior predisposição ao pecado". op. cit., pág. 85.

(9) Com razão F. Crüsemann fala da necessidade de uma "hermenêutica social" (op. cit. pág. 19). Em sentido amplo a teologia da libertação latino-americana parte de análises feitas com o auxílio das ciências sociais, que têm uma função principalmente crítica e que não determinam o conteúdo da teologia; cf. M. Bonino, *Theologie im Kontext der Befreiung* (Göttingen 1977); C. Boff, *Teologia e Prática* (Petrópolis 1978).

(10) Cf. C. Meilssoux, "Die wilden Früchte der Frau" (Frankfurt 1976).

(11) Cf. as pesquisas empíricas de H. Prosa, *Die Wirklichkeit der Hausfrau* (Hamburg 1975); idem, *Die Männer* (Hamburg 1978) e as considerações teóricas de I. Lazari-Pawlowska, *Die kulturelle Differenziertheit der Moral*, ZEE 24, 1980, pág. 86-97; M. Honecker, *Das Problem des theologischen Konstruktivismus*, ZEE 24, 1980, pág. 97-111.

(12) O protesto feminista contra a supremacia do homem vive essencialmente dessa situação, cf. B. Friedan, *The Feminine Mystique* (Boston 1963); R.R. Ruether (ed.), *Religion and Sexism* (New York 1974).

2.

1. Quais poderiam ser as raízes vétero-testamentárias para a posterior discriminação da mulher? Nos escritos canônicos praticamente não há indícios de uma desvalorização do sexo feminino que vá além da expectativa de submissão. É certo que, em Gn 3, Eva provoca a "queda". Contudo, de maneira alguma ela é apresentada como sendo fraca e incapaz. Ao contrário, ela é uma personalidade forte que concretiza soberanamente suas idéias. Eva é a sedutora do livro de Provérbios (Pv 5), comparável a figuras astutas ou mesmo pérfidas como Rebeca (Gn 27), Jael (Jz 5), Mical (1 Sm 19) ou Jezabel (1 Rs 21). Segundo o relato javista, ela é o tipo da mulher independente que, ocasionalmente, usa o marido para os seus próprios fins. Por isso ela é castigada e submetida ao marido (Gn 3.16); protestos femininos e infantis têm que ser submetidos ao controle patriarcal. Trata-se de regra existente na sociedade a respeito da qual não se reflete (13). Não há nada a indicar que o "controlador" seja moralmente ou de alguma outra forma melhor que o "controlado". Ao contrário, Adão, Jacó e Acabe são chamados a prestar contas da mesma forma que seus instigadores femininos. Isso significa que as velhas narrativas devem sancionar situações do presente, elas não querem explicá-las ou justificá-las. Semelhantemente, as acusações dos profetas e da sabedoria contra a arte de sedução feminina são sóbrias e não ideológicas (14). No mais, a sabedoria mais antiga também descreve as fraquezas da mulher (15) quase que da mesma maneira como o faz com as fraquezas do homem (16).

2. Aqui somente uma argumentação do âmbito da ciência social nos poderá levar avante. Entre os muitos motivos para o posterior rebaixamento da mulher destacam-se a organização patrilinear (estima da descendência masculina) e o desenvolvimento da concepção de propriedade privada (o proprietário é o homem!). Por ora não pretendemos atacar este e outros fatores; abordaremos um outro ponto decisivo. A única discriminação realmente fundamental

(13) (13) Cf. C. Westermann, *Genesis, BKAT I, 1*, (Neukirchen-Vluyn 1974), pág. 350a; 356a.

(14) Cf. Am 4.1-3; Is 3.16-26; Pv 6.32-34. Somente Koh 7.28 poderia conter uma referência única a respeito da mulher.

(15) Cf. Pv 11.22; 25.24 com as passagens citadas na nota 16. Muitas vezes a postura sábia e a postura néscia da mulher são contrapostas de maneira antitética (Pv 11.26; 12.4; 14.1; cf. Pv 9.1-18) ou o sexo feminino é louvado sem ressalvas (Pv 18.2).

(16) Cf. Pv 12.15; 26.21. A sabedoria proverbial ocupa-se na maioria das vezes com a postura errada ou correta do homem, pois esta servia, pelo menos em sua fase "escolar", à educação masculina.

da mulher, em Israel, se deu, desde tempos remotos, no âmbito do culto. As mulheres podiam, nos primeiros tempos, orar no santuário (1 Sm 1-2), estavam, porém, excluídas do sacrifício. Nada ouvimos a respeito de sacerdotizas no Antigo Testamento. A profissão era conhecida entre os povos vizinhos. O único texto que apresenta uma mulher executando um rito de sangue é a nota arcaica de Êx 4.25. No mais parece-se supor que somente o homem pode derramar sangue e oferecer sacrifício. – O que levou, em Israel, à total exclusão da mulher das atividades ligadas ao altar? Não sabemos! Certamente a tabuização pré-histórica do sexo feminino terá desempenhado seu papel. O sangue menstrual profana (17). No Antigo Testamento acentuou-se, unilateralmente, este poder ameaçador da menstruação da mulher, não porém seu poder potencial como em muitas outras religiões. Desta maneira inclusive a mulher do sacerdote se transforma, indiretamente, em uma constante fonte de perigo para o culto (18).

3. Este distanciamento do sacerdote de sua mulher, o caráter profissional especial do pessoal ligado ao templo, tinha que se manifestar nos escritos vétero-testamentários produzidos por estes círculos. Com a crescente "teocratização" de Israel, na época exílica e pós-exílica, tal ideário pôde tornar-se acessível a vastas camadas da tradição. As três camadas literárias que inicialmente entram em questão – a obra histórica do deuteronomista, o escrito sacerdotal e o livro de Ezequiel – não apresentam definições pormenorizadas do relacionamento de homem e mulher. Indiretamente, porém, podemos reconhecer o posicionamento de seus autores. A estatística dos conceitos evidência não só a concentração de todo Antigo Testamento nos interesses do homem (19) – o culto a Javé é segundo Êx 23.17 e Êx 34.23 dever exclusivo do homem! – mas também a distribuição desigual da designação "mulher-esposa" nos diversos escritos (20). Um estudo mais pormenorizado evidencia ainda que nas camadas redigidas pelo pessoal ligado ao templo, inclusive a tradição levítico-deuteronomista, a mulher aparece especialmente em materiais mais antigos, pouco

(17) Lv 15.19-33; cf. Gn 31.35; 1 Sm 21.5; Is 64.5.

(18) Cf. Lv 21.7,13-15; 22.3; Ez 46.20 e abaixo o número 4.

(19) Cf. H.Haag, ThWAT Vol. I, pág. 870.

(20) Cf. J.Kühlewein, THAT, Vol I, pág. 247. É interessante observar que o ThWAT trata de "Homem" e "Mulher", apesar das origens etimológicas completamente diferentes, em um único artigo (N.P.Bratsiotis, ThWAT, Vol I, pág. 238-252), "Filho" e "Filha", no entanto, em dois artigos distintos. Típico erro freudiano de uma equipe redacional constituída apenas de homens?

retocados (21) ou em sumários (22). O deuteronomista não reprime os vultos femininos fortes e positivos que encontrou na tradição (23). No entanto, sua intenção pedagógica não pode ser negada: seu público masculino deve tirar um exemplo do sexo fraco! E, ocasionalmente, manifestam-se sérias ressalvas em relação à mulher. Encontramo-las nas passagens formuladas pelo próprio deuteronomista e que se referem, em última análise, à pouca confiança que merece o sexo feminino em questões religiosas. Por isso, a imagem de Mical é apresentada qual caricatura: a amizade de Davi e Jônatas (1 Sm 18-20) é melhor que o amor de mulheres. Mical é rejeitada por desprezar o culto a Javé (2 Sm 6.20-23). Ainda mais significativas são as passagens em que as mulheres divulgam abertamente, a apostasia a Javé. Em Jz 17.3-4 é a mãe de Mica quem encomenda a imagem do ídolo; em 1 Sm 28 deparamo-nos com exemplo expresso de uma religião feminina clandestina (24). 1 Rs 11.1-13 é a declaração deuteronomista básica contra as mulheres estrangeiras, que corrompem a casa real e, com isso, a toda a terra. As histórias em torno de Jezabel descrevem, amplamente, o terrível perigo da apostasia a Javé por meio de casamento com mulher estrangeira (25). A mesma preocupação pela preservação da pureza da fé em Javé leva a que na obra literária cronística posterior seja condenado todo o casamento misto (Ed 10; Ne 13). Podemos compreender que para o deuteronomista existe o perigo de o culto a Javé não ser apenas invadido por elementos político-religiosos estranhos como são, p.ex., apresentados em 2 Rs 16. A perversão que, furtivamente, procede do que de mais querido tem o homem é muito mais pérfida. Ele, o homem, deve preservar a aliança de Javé, porém é muito possível que a "mulher em seus braços" lhe venha a insinuar idéias heréticas (26). Com isso ela é um perigo potencial, latente, para a adoração de Javé.

4. Nos dois escritos expressamente sacerdotais, o perigo que a mulher significa para o culto se apresenta mais sob o aspecto da

(21) Cf. p. ex. (segundo G.Lisowsky) Dt 21-25 ("Mulher" = 24 vezes, no restante do Dt = 17 vezes) ou os antigos trechos tradicionais, nos quais mulheres desempenham o papel principal (Jz 4-5; 1 Sm 1-2; 1 Rs 17; 2 Rs 4 etc).

(22) A comunidade é constituída de homens, mulheres e crianças (Dt 3.6; 29.10); contudo, inexplicavelmente faltam muitas vezes as esposas (Dt 12.12,16; 16.11,14). O inventário dos bens móveis do homem inclui mulheres e crianças (Dt 3.19; Js 1.14; 7.24; Jz 18.21 e mais vezes).

(23) Cf. Js 2; Jz 4-5; 9.50-56; 1 Sm 1-2; 19.8-17; 25; 1 Rs 17.18-24; 2 Rs 4.8-37; 22.14-17.

(24) Outros indícios para isso: Nm 12; Jr 44.15-29; Ez 8.14; 13.17-19.

(25) Cf. 1 Rs 16.31-33; 18.4,13; 19.1-2; 21.4-26; 22.53; 2 Rs 9.22,30,37.

(26) Cf. Dt 13.7; 17.2-3; 29.17. Deve-se, naturalmente, perguntar por que a mulher tem relevância cultural nesse contexto. Estaria esse fato ligado com os cultos populares proibidos, acima descritos?

profanação. Podemos constatar que o escrito sacerdotal e Ezequiel prescrevem, conscientemente, a primazia do homem (27), tendo em vista, ao que tudo indica, o culto no templo. A existência de todos os seres vivos como casais — assim Gn 1.27 na conclusão; Gn 6.19; 7.15; 8.19 — é um fato biológico, mas não social ou religioso. A notícia isolada de que mulheres tenham ministrado à porta da tenda da congregação(28) deve ser proveniente de tradição mais antiga e não expressa interesse sacerdotal. Em contrapartida, ninguém pode deixar de ouvir as advertências em relação à mulher. As noras provenientes de tribos estrangeiras já são causa de dor de cabeça para Isaque e Rebeca (Gn 26.34s; 27.46). E, na legislação sacerdotal a coisa se torna mais que evidente: o sacerdote é santificado através de seu contato direto com o que é santo. Todo o contato com o que é impuro tem conseqüências assoladoras para ele e para o culto a Javé (29). Por isso a mulher é — justamente por causa das impurezas específicas de seu sexo — uma fonte especial de perigos para o sacerdote ministrante e para seus auxiliares (30). Essa imagem é confirmada no profeta Ezequiel e nas partes que foram acrescentadas a seu livro (31). É certo que Ezequiel é precisamente aquele de quem herdamos um profundo testemunho de solidariedade com a esposa (Ez 24.15-24). Mesmo assim, ele e seus discípulos são completamente sacerdotes. Jamais contaminou-se com qualquer coisa que fosse (Ez 4.14). As prescrições de pureza e de matrimônio do Levítico estão parcialmente reproduzidas em Ez 44. Dá-se o máximo de valor a uma postura cultual correta e à evitação de contaminação (Ez 42.13-14; 46.20). Por outro lado, podemos deduzir de Ez 8.14 que as mulheres têm propensão ao culto aos ídolos; Ez 13.17-23 ataca as profetizas não autorizadas (32). Resumindo, também o livro de Ezequiel está repleto do zelo pela preservação incontaminada do lugar de culto, no qual mulheres nada têm a fazer. — Observamos que nos escritos surgidos na área de influência

(27) Os textos Gn 1.26-28; 5.1-2 também pressupõem de maneira inequívoca a hierarquia Deus — homem — mulher; de maneira nenhuma falam, pois, da igualdade de direito dos sexos. Nm 5; 27; 30 permanecem nessa ordem patriarcal, acontecendo o mesmo com Ez 16; 23, etc.

(28) Êx 38.8; cf. 1 Sm 2.22.

(29) Cf. Lv 8-9; 10; 16; 21; 22; Nm 3; 4; 8; 16; 18; Ez 44. Aparentemente, desde tempo imemorable o contato direto com a divindade exige abstinência sexual, cf. Êx 19.15; 1 Sm 21.5.

(30) Os mais importantes testemunhos para as concepções de pureza sacerdotal no tocante a aspectos sexuais são Lv 15; 21; 22. Cf. também Êx 29.33; Nm 1.51 etc.

(31) Cf. especialmente W. Zimmerli, *Ezechiel*, BKAT XIII, I (Neukirchen 1960), Introdução § 3-8.

(32) A condenação das profetizas não se encontra na mesma linha da condenação dos profetas em Ez 13.1-16; cf. W. Zimmerli, op. cit., pág. 296: O texto conduz ao "âmbito da mântica menor inferior". Aparentemente temos aqui mais uma comprovação para uma religião feminina clandestina. Cf. acima nota 24.

sacerdotal não se encontra uma desvalorização humana da mulher. O culto, no entanto, é exclusiva e essencialmente coisa de homens. A mulher desaparece na massa do povo que participa nos grandes dias festivos, à distância, dos atos sacrificiais (33).

5. Após esse rápido panorama a respeito da formação da tradição cultural em Israel, chegamos à seguinte conclusão: O Antigo Testamento realmente contém os germes da desqualificação religiosa da mulher. Na comunidade judaica eles são desenvolvidos de maneira crescente. Na época pós-exílica essa herança dos antigos sacerdotes do templo foi transmitida aos escritores e homens piedosos da sinagoga. Nesse novo ambiente assumiu-se apaixonadamente as tradições culturais, também aquelas em que a mulher era tida por agente da queda e portadora da impureza. Mais e mais a comunidade feminina foi posta sob quarentena durante a realização do culto e, finalmente, só pôde mais acompanhar o ato litúrgico nas galerias. Os teólogos judeus haviam chegado à convicção de que na mulher se encontrava o início e o princípio de todo o mal. Sem dúvida esse rebaixamento da mulher serviu, inconscientemente, ao fortalecimento do domínio masculino. A convocação do homem para o estudo da Torá, para a oração e a obediência transforma-se em uma questão exclusiva de um clube fechado de homens, que não tolerava qualquer imiscuição da parte do sexo feminino. Os âmbitos em que se desenvolviam a vida de homem e mulher estavam hermeticamente separados um do outro. Deparamo-nos, assim, com o peculiar fenômeno de que, por ocasião da fixação dos papéis que cabem a cada um dos sexos no judaísmo, uma ética profissional particular tenha sido imposta a toda a sociedade.

3.

1. A experiência mostra que as camadas superiores da sociedade não podem impor simplesmente suas normas à maioria da população, a não ser que haja uma certa receptividade da parte do povo. A disposição para adotar modelos de comportamento e concepções de valor depende, no entanto, em grande parte das condições externas de vida. Em geral, épocas de crise facilitam uma reorientação. Em contrapartida, períodos de estabilidade econômica, política e intelectual costumam solidificar os modelos sociais herdados. Para o nosso tema, as observações feitas significam que o desenvolvimento, que levou à exclusão do culto, ainda não explica

(33) Cf. Lv 8.3; 9.5,15,22-24; 16.5ss; Nm 8.20-22; Ez 2.3ss.

como é que se chegou à real depreciação da mulher no judaísmo. Temos que procurar descobrir, se houve épocas e motivos na história de Israel que provocaram ou prepararam a modificação do relacionamento de homem e mulher a ponto de levar a um rebaixamento da mulher. A procura por tais pontos de referência sócio-históricos não é completamente vã, como inicialmente se poderia supor. É certo que no Antigo Testamento não existe nenhuma exposição da mudança social; no entanto, podemos ouvir as vozes daqueles que previnem e suplicam por haverem assistido tais mudanças e por nelas haverem lutado por justiça e humanização. Podemos deduzir, com alguma exatidão, como a convivência de homem e mulher foi atingida pelas mudanças sociais, pelo menos no campo hipotético.

2. Certifiquemo-nos mais uma vez de um ponto de partida seguro para as nossas reflexões. As condições semi-nômades da época dos patriarcas só podem ser reconhecidas em seus contornos, elas praticamente não deixam influências no Antigo Testamento e não serão aqui consideradas(34). No período anterior à formação do Estado, no entanto, já podemos verificar os papéis que cabem ao homem e à mulher. Israel tinha que se adaptar às formas agrárias da vida em Canaã. O homem assumiu, como de costume entre os povos sedentários do Oriente Próximo (35), a representação externa da família, enquanto que a mulher ficava à testa da economia doméstica. É provável que a terra era vista basicamente como propriedade da família, em segundo plano ela era propriedade do homem, e a mulher, aparentemente, ainda podia defender interesses particulares(36). A propriedade israelita com sua grande família era um empreendimento relativamente autônomo, autárquico. A eventualidade de um pequeno sistema de circulação de mercadorias em regime de troca, na vizinhança ou por meio de mercadores ambulantes não modifica a situação. No âmbito interno, as competências de homem e mulher estavam claramente delimitadas, mas em diversos pontos não estavam rigidamente fixadas. A mulher criava as crianças pequenas e cuidava das meninas até seu casamento, além disso detinha a supervisão sobre os escravos da

(34) Cf. J. van Seters, *Abraham in History and Tradition* (New Haven 1975).

(35) Dentre a vasta literatura existente, cito alguns exemplos: A. Leo Oppenheim, *Ancient Mesopotamia* (Chicago 1964); W.H.Ph. Römer, *Frauenbriefe über Religion, Politik und Privatleben in Mari* (Neukirchen-Vluyn 1971); M. Heitzer, *The Rural Community in Ancient Ugarit* (Wiesbaden 1976).

(36) Cf. Jz 1.12-15; 2 Rs 4.8. Seria a sunamita uma canaanita? – Cf. quanto ao todo da questão: E. Gerstenberger, *A terra e sua posse conforme o Antigo Testamento*, *Estudos Teológicos* 1976/2, pág. 29-44.

casa e sobre a economia doméstica. O homem tinha que se preocupar com os jovens adolescentes, com os escravos que trabalhavam o campo, com a agricultura e a criação do gado e com a segurança da propriedade familiar em épocas de guerra e de paz(37). A flexibilidade nos papéis que cabiam a homem e mulher evidencia-se na educação conjunta dos filhos (Lv 19.3; Pv 1.8) e na responsabilidade conjunta pelos trabalhos de plantio e colheita (Rt 2.2s; 2 Rs 4.18s). Algumas passagens deixam pressupor que, dentro do lar, a mulher possuía imagens de deuses e que, portanto, em seu âmbito de vida, tinha acesso direto ao divino, não sendo apenas acessório do homem (Gn 31.19; 1 Sm 19.13; cf 1 Sm 1.9-18; Nm 12.1-2). Por isso podemos constatar nos primórdios da história de Israel – apesar da sucessão patrilinear e dos poderes patriarcais do chefe de família na representação externa – um certo equilíbrio entre o âmbito de trabalho de mulher e homem que, necessariamente tinha que promover o reconhecimento mútuo de mulher e homem. Enquanto a atividade agrícola permaneceu sendo uma unidade relativamente autárquica, marido e mulher podiam complementar-se muito bem em suas funções econômicas e familiares. Unia-os a preocupação comum pela propriedade e pelo lar.

3. Profundos abalos sociais destruíram paulatinamente a economia rural autônoma em Israel(38). A consequência disso foi, entre outras coisas, uma mudança fundamental das condições de vida para a família, uma nova determinação das atividades de homem e mulher e a redefinição dos papéis que cabiam a ambos os sexos. Os escritos do Antigo Testamento não nos fornecem uma exposição direta e sistemática a respeito daqueles acontecimentos. Não me vejo em condições de expor, aqui, passo a passo, o que hoje sabemos a respeito dos acontecimentos de então. Tenho que me contentar com a constatação de que em virtude de situações históricas especiais ou em consequência de mudanças estruturais da sociedade israelita, ocorridas em períodos bastante longos, latifundiários ou capitalistas urbanos procuraram sempre de novo apropriar-se de estabelecimentos rurais. Esse processo ocorreu segundo a lei, ainda hoje em vigor, da concentração da propriedade nas mãos de poucos. É essa a situação em Israel à época da introdução da monarquia (39) com seu sistema de impostos e de

(37) Cf. L.Köhler, *Der hebräische Menach* (Tübingen 1953), *passim*.

(38) Cf. H.G.Kippenberg, *Religion und Klassenbildung im antiken Judäa* (Göttingen 1978).

(39) Cf. A.Alt, *Der Anteil des Königtums an der sozialen Entwicklung in den Reichen Israels und Juda* (1955), em: *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel*, Vol III, (München 1959), pág. 348-373; F. Crüsemann, *Der Widerstand gegen das Königtum* (Neukirchen-Vluyn 1978).

prestação de serviços, fatos até então desconhecidos. O mesmo vale para o oitavo século antes de Cristo, período em que uma onda de desapropriações e de chicanas caiu sobre a população rural(40). Os babilônios propiciaram, por pouco tempo, algo semelhante a uma reforma agrária (Ez 11.15; cf Jr 34.8-11; Lm 5.2), mas posteriormente a reação se fez sentir com todo o vigor, principalmente com o regresso da camada superior da sociedade, que fora exilada, e que reapresentou antigas pretensões de posse e, em breve, foi além disso. Ne 5.1-13 fala a respeito das desesperadas tentativas de Neemias para evitar a exploração da população. Elas foram em vão! A fraternidade exigida em nome de Javé não conseguiu se impor a longo prazo. Sob o domínio grego as tendências feudalistas vieram a se fortalecer ainda mais(41). A população passou a depender sempre mais dos latifundiários e banqueiros. Nesse contexto interessam-nos especialmente as conseqüências desses acontecimentos para o relacionamento de homem e mulher, principalmente a situação da mulher.

4. Os agravantes da história via de regra recaem principalmente sobre os mais fracos. Quero dizer que a destruição do campesinato do antigo Israel, como foi descrito, atingiu mais a mulher israelita do que o homem. Por que? A obrigação de obter, "no suor do seu rosto" (cf Gn 3.19), um superávit na produção para satisfazer as exigências do governo ou dos credores e para, talvez, satisfazer os próprios desejos de possuir artigos de luxo — o que é plenamente compreensível quando do surgimento do sistema monetário — recaiu, inicialmente, sobre o homem. Frente a terceiros era ele o responsável pela casa, pela propriedade e pela família. Quando o peso das dívidas se tornava insustentável para ele, vendia seus filhos (Êx 21.7) ou fugia, desesperado, para o deserto (1 Sm 22.2). Sob a pressão dessas exigências vindas de fora, o agricultor israelita passou a ser o único proprietário de sua empresa, agora em situação extremamente periclitante. Só agora é que ele se tornou, no sentido pleno da palavra, proprietário dos meios de produção e destes em breve fariam parte mulheres, crianças e escravos(42). A família camponesa da era anterior à formação do Estado, em que não houvera dinheiro, produzindo para o seu próprio sustento e

(40) Cf. Am 2.6-8; 4.1; 5.7; 5.11-12; Is 5.8-12; 10.1-2; Mq 2.1-5.

(41) Cf. M.Hengel, *Judentum und Hellenismus* (Tübingen 1969).

(42) Êx 20.17 e mais vezes. A análise social e histórica do marxismo acentuou, com razão, a passagem para a propriedade privada. Cf. F. Engels, *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des States* (Berlín 1956); A. Bebel, *Die Frau und der Sozialismus* (Berlín 1979).

sendo auto-suficiente, aproximara-se do ideal da vida humana. Ao promover o respeito mútuo de todos os membros da família, alcançara a preservação do grupo(43). A pressão externa, contudo, levou a polarizações na pequena comunidade. Assim o chefe da família era visto pelo latifundiário como objeto e por ele explorado, assim também acostumou-se, por seu turno, a ver a mulher e os filhos como objetos que deveriam servir a seu instinto de preservação e de prestígio. Os camponeses que caíram no desespero e na pobreza levaram consigo seu alheamento. As frustrações do homem sem terra e sem direito levaram-no a fortalecer seu domínio compensatório sobre a família. Ainda causa admiração o fato de a doutrina sacerdotal-rabínica a respeito da inferioridade da mulher vir a ser aceita pelo povo?

4.

Pergunto mais uma vez: como se pode concretizar relação fraterna autêntica, como se pode concretizar amor no seio de estruturas sociais que prevêem de maneira mais ou menos crassa a superposição do homem e a submissão da mulher? Vemos no relacionamento de mulher e homem a mais antiga ou a mais enraçada e mais difundida forma de domínio entre seres humanos (cf Gn 3.16). Uma coisa parece certa: De nosso ponto de vista hodierno, mas não só daí, o mútuo reconhecimento dos parceiros sexuais como pessoas de valor integral é a condição inalienável do amor. O desejo disfarçado de domínio masculino procura fugir a essa realidade ou atenuá-la. Sempre de novo defende-se a opinião de que deveríamos produzir tão somente a igualdade espiritual ou dos direitos fundamentais. Diz-se que a diferenciação social seria uma constante da natureza. Nada disso! Temos que conceder francamente que a igualdade de homem e mulher tem que abranger toda a pessoa, inclusive suas possibilidades sociais e culturais. Além disso está na hora de se fazer uma confissão de culpa em relação ao sexo feminino. A depreciação e a exploração da mulher, que continua a existir em nossos dias das mais diferentes formas – também verificável em certos círculos cristãos –, representa um terrível desenvolvimento despropositado da sociedade patriarcal, legada pelo Antigo Testamento e pelo judaísmo. Pode-se deduzir dos diferentes modos de domínio tantos bons e úteis aspectos

(43) Cf. 2 Rs 4.13; Mq 4.40: O aconchego junto aos seus e a independência econômica são para o israelita os maiores bens.

quantos se quiser, mas no instante em que está em jogo a humanidade do encontro solidário o querer-ser-senhor está fora de contexto. O amor só pode ser expresso no serviço, como de maneira clara o evidencia o Novo Testamento (44). Onde a amor "domina" aí termina o domínio, pois o amor modifica o poder imediatamente em solidariedade. Infelizmente não se pode regulamentar ou institucionalizar esse milagre da humanidade! – As estruturas sociais vétero-testamentárias que apresentamos não foram, de maneira geral, favoráveis ao amor. No equilíbrio relativo da família camponesa do Israel antigo ainda existia a chance maior de um encontro igualitário dos sexos. No decorrer dos séculos essa situação foi-se deteriorando sempre mais.

Isso, contudo, não significa que em Israel não houvesse existido amor autêntico. No Cântico dos Cânticos e em muitas narrativas ouvimos acerca daquela "paixão interna" que levava os seres humanos uns aos outros, ligando-os permanentemente. Pois, o milagre acontece sempre de novo: Seres humanos esquecem por mais ou menos tempo as estruturas opressoras nas quais vivem – o trabalhador estrangeiro Jacó trabalha quatorze anos para conseguir sua noiva (Gn 29.2ss) –, mostram-se assim como são, tiram a couraça da auto-glorificação, dos costumes e privilégios para abrigar o outro ser humano junto a si e para deixar-se abrigar pelo outro. O Antigo Testamento, contém imponentes testemunhos da entrega ao parceiro: o consolo caridoso de Elcana em relação a sua esposa Ana, que não tem filhos (1 Sm 1.8), ou o risco que Mical assume em favor de seu marido (1 Sm 19.11ss). O que dizer do sacrifício de Rute em favor de sua sogra Noemi (Rute 3, especialmente v.10)? Ou da humilhação de Tamar (Gn 38)? Ou do lamento de Paltiel, a quem se tira a mulher (2 Sm 3.16)? Ou da amabilidade daquele Levita que, pouco depois, sem escrúpulos entrega sua mulher para salvar-se a si mesmo (Jz 19)? Será que aqui se abusa do amor para instalar domínio?

Notamos, nos exemplos citados, que o ser humano não pode libertar-se das estruturas sociais em que vive, quando quiser. O desejo de domínio inerente à nossa civilização pode ser eliminado temporariamente pelo amor, infelizmente não o pode definitivamente. Mesmo assim o amor é uma possibilidade humana maravilhosa. Isso, no entanto, de modo algum é um alibi para que se continue a querer manter o domínio do homem sobre a mulher. As perturbações do relacionamento de amor, das quais fala H.W.Wolff, são,

(44) Cf. Mt 20.25e; Jo 13.15; Gl 2.6; Ef 5.21 etc.

pois, parcialmente conseqüência de uma estrutura social desequilibrada, patriarcal que, por seu turno, aponta para uma teologia unilateralmente masculina.

5.

Qual o valor teológico do relacionamento de homem e mulher que nos é mostrado no Antigo Testamento? Inicialmente temos que mostrar reconhecimento e admiração: É incrível que nossos antepassados na fé tenham visto o ser humano feminino e masculino, confrontado com Javé, tão próximo à realidade e aberto para o futuro. Também é fascinante como os teólogos israelitas se esforçaram por manter a imagem de Deus livre de traços humanos, evitando, e.o., um dualismo sexual divino. Javé era o único e último fundamento e criador de toda a vida. A divisão humana não deveria ter reflexos sobre a sua imagem; o mundo não poderia decompor-se em esferas concorrentes. Vale a pena refletir acerca do que de bom o monismo da criação vétero-testamentária trouxe consigo: a afirmação alegre e sóbria da sexualidade; a concepção original do matrimônio como parceria; a consciência de uma dependência mútua, solidária, dos sexos; paciência e esperança em períodos de dor sem fim; abertura para beleza física e força de vontade; ter em grande estima o amor e a solidariedade.

A admiração pela imagem do ser humano, que encontramos no Antigo Testamento e que está intimamente relacionada com a sua visão de Deus, não significa que devêssemos imitar sem reparos as afirmações, os esforços e posturas do Antigo Testamento. Essa possibilidade está completamente fora de cogitação em virtude da limitação histórica de toda a revelação divina. As formas sociais irrefletidamente assumidas pelo Antigo Testamento e por ele guardadas de legitimação divina não são normas para nós, mas exemplos. Disso fazem, em nosso contexto, parte, especialmente o primado do homem e a submissão da mulher. Concordo que essa regra de conduta, que é parte da história da cultura, tenha se desenvolvido em longos períodos, tendo, por isso, uma considerável carga cultural e emocional. Mesmo assim, nas condições atuais e em virtude do que cremos reconhecer como vontade de Deus na Bíblia, não podemos responsabilizá-lo teologicamente. Com base em conhecimentos modernos, principalmente sob o aspecto biológico e psicológico, poderíamos argumentar convincentemente em favor de uma primazia da mulher. Aparentemente não é o corpo feminino, como o pressupõe Gn 2, que é secundário na história genealógica,

mas o corpo masculino. Contudo, toda a demonstração dessa questão incorre na suspeita de estar condicionada pela idéia de domínio – agora – patriarcal. Na tão necessária reorganização do relacionamento de mulher e homem em nossos dias temos que partir do fato de que a essência do Deus cristão e, por isso, também do ser humano não reside no dominar, mas no servir(45).

(45) A pergunta levantada pela teologia dita feminista, se a fé cristã não estaria alienando Deus sexisticamente, transformando-o em um "Superman", deve ser levada muito a sério. Cf. M.Daly *Beyond God the Father* (Boston 1973); (ed.), *The Liberating Word: A Guide to Non-Sexist Interpretation of the Bible* (Philadelphia 1976); R.R.Ruether, *New Woman/New Earth: Sexist Ideologies and Human Liberation* (New York 1975).